

## **Dicionários de Libras:** proposta basilar bilíngue de um roteiro lexicográfico e/ou terminográfico

*Dictionaries of Libras: bilingual basic proposal of a lexicographical and/or terminographic script*

Leandro Andrade, FERNANDES (UFU)<sup>1</sup>  
Vanessa Regina Duarte, XAVIER (UFG)<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O dicionário possui alto valor social, sendo um instrumento utilizado por uma grande parcela da população, no momento de dúvidas relacionadas à grafia e/ou à pronúncia corretas, à definição, aos modos de usos, entre outras. Embora os estudos lexicográficos relacionados a Libras sejam ainda incipientes, é possível perceber o crescente interesse por pesquisadores em torno do registro do léxico da Libras e da construção de glossários e dicionários dessa língua. O presente artigo divulga resultados da pesquisa “Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras/ELiS-Português x Português-Libras/ELiS”, realizada no âmbito do programa de mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás. Assim, intentamos a concepção de um instrumento lexicográfico basilar, que poderá ser utilizado por pesquisadores de Línguas de Sinais na elaboração de dicionários e glossários. A metodologia utilizada se iniciou a partir de estudos relacionados à metalexigrafia; posteriormente, realizamos o cotejo entre dois dicionários de Libras, sendo eles o DIL e o DEIT, tendo por objetivo selecionar microparadigmas já presentes em dicionários de Libras. Dessa forma, selecionamos os microparadigmas a estarem presentes em um verbete que leve em consideração a Libras e não a língua portuguesa, como a utilização do sistema brasileiro de escrita para as línguas de sinais – ELiS na definição e na entrada do verbete, sem o uso de ilustrações para designar o referente na Libras, de forma a valorizar os seus elementos fonológicos.

**Palavras-Chave:** Libras, Lexicografia, Microparadigmas

### **ABSTRACT**

*The dictionary has high social value, being an instrument used by a large part of the population, in the moment of doubts related to the spelling and/or correct pronunciation, to the definition, to the modes of use, among others. Although the lexicographical studies related to Libras are still insipid, it is possible to perceive the growing interest by researchers around the registry of the lexicon of Libras and the construction of glossaries and dictionaries of this language. The present article publishes results of the research "Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras-Escrita das Línguas de Sinais (ELiS)/Português e Português/Libras-ELiS", realized within the scope of the master program in Language Studies of the Federal University of Goiás/Regional Catalão. Thus, we intend to design a basilar lexicographic instrument that can be used by Sign Language researchers in the elaboration of dictionaries and glossaries. The methodology used was based on studies related to*

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Goiás, Brasil, [leandroandrade.letas@gmail.com](mailto:leandroandrade.letas@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Goiás, Brasil, [vrduxavier@gmail.com](mailto:vrduxavier@gmail.com)

*metalexigraphy; later, we made the comparison between two dictionaries of Libras, being the DIL and DEIT, the purpose of which was to select microparadigmas already present in Libras dictionaries. So, we selected the microparadigmas to be present in an entry that takes into consideration Libras and not the Portuguese language, such as the use of the Brazilian writing system for sign languages - ELiS in the definition, and imput in the entry, without the use of illustrations to designate the referent in the Libras, in order to value the phonological elements of Libras.*

**Keywords:** *Libras, Lexicography, Microparadigmas*

## 1. Introdução

O estudo metalexigráfico tem como objetivo analisar dicionários e propor métodos para a confecção dos mesmos. Barbosa (1995, p. 55) aponta que a “Lexicografia e Lexicologia” como disciplinas, no Brasil, foram instauradas na Universidade de São Paulo (USP), no ano de 1971. Desde então, os estudos e reflexões relacionados ao fazer lexicográfico no país têm se revelado abundantes.

É sabida a importância do dicionário e do glossário na sociedade, uma vez que eles documentam e propagam o léxico de uma língua que, conforme explicitado por Biderman (1981, p. 132), é “o patrimônio social da comunidade por excelência”. Essas obras possuem alto valor social, pois são utilizadas em várias áreas do conhecimento, inclusive há versões voltadas para áreas específicas, como a Linguística, a Medicina, a Economia, a Psicologia, entre outras. Neves (1996, p. 129) expõe que “o dicionário é uma obra de respeito dentro de qualquer sociedade”, apresentando valores sociais específicos de uma coletividade em uma determinada época, ultrapassando as questões meramente linguísticas.

Dessa forma, os dicionários e glossários fazem parte da sociedade e, conseqüentemente, da sua história, como apontado por Coroa (2011, p. 68): “[...] inicialmente em forma de mera coleção de palavras, depois já revelando sistematização do conhecimento linguístico, os dicionários integram a história da humanidade, assim como a história da linguagem”. fundamentalmente, tencionam o registro e a catalogação de uma língua, de forma a organizar os nomes das coisas, que conseqüentemente apresentarão a sistematização da mesma, suas regras, modos de usos e outros. Conforme elucida Coroa (2011, p. 63), “para uma perspectiva em que a linguagem é um trabalho interativo, de construção social, o dicionário é, portanto, mais do que uma forma de nomear e classificar as coisas do mundo: é um apoio para a construção de nossa rede de conhecimentos linguísticos”.

Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo a apresentação de um roteiro lexicográfico ou terminográfico<sup>3</sup> com estrutura inédita na Libras, pois não utiliza imagens, figuras ou fotos, mas o sistema ELiS para representar o léxico na Libras. É primordial apontar aqui a opção pela

---

<sup>3</sup> Por estarem presentes no roteiro elementos basilares, o mesmo pode ser utilizado na construção de obras especializadas, estando a cargo do terminólogo realizar as devidas adaptações.

organização das entradas da Libras em ordem alfabética, que, conforme apontam Fernandes e Barros (2018), concerne a ELiS o primeiro sistema de escrita para as línguas de sinais que organiza os elementos fonológicos dessas línguas de forma a viabilizar a ordem semasiológica das entradas. Dessa forma, apresentaremos um roteiro que não utiliza ilustrações, sejam como entradas, equivalentes ou mesmo como auxílios para o consulente na compreensão do verbete, mas unicamente sua representação gráfica, correspondendo esta a uma possibilidade de organização da primeira proposta semasiológica para um instrumento que objetiva representar a Libras, obedecendo a regras gráficas próprias que respeitam seu sistema fonético e fonológico.

Para atingirmos nosso objetivo, aproveitamos estudos metalexiconográficos de: Rey-Debove (1971), Béjoint (2000), Welker (2004), Faulstich (2010), entre outros, consoantes a dois dicionários de Libras, sendo eles: o “Dicionário Ilustrado de Libras”, de Brandão (2011), e o “Novo DEIT-Libras: Língua Brasileira de Sinais”, de Capovilla, Raphael e Mauricio (2013). Como estratégia metodológica, realizamos uma análise minuciosa em relação aos diversos microparadigmas<sup>4</sup> apresentados pelos supracitados autores, selecionando, assim, aqueles que julgamos elementares a estarem presentes em uma obra que objetive apresentar a Libras em sua modalidade escrita.

## 2. Explorando os elementos constitutivos de um verbete

Para a elaboração de um dicionário ou glossário, uma série de decisões precisa ser tomada pelo lexicógrafo ou terminógrafo, dentre elas as tocantes à composição e organização dos verbetes, que se correlacionam à sua macroestrutura, termo definido por Rey-Debove (1971, p. 21) como “o conjunto das entradas”, por Béjoint (2000, p. 13) concernindo à “maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários” e por Coelho (2008, p. 32) da seguinte maneira: “[...] a sequência vertical das entradas, na maioria das vezes, em ordem alfabética”. Como se pode perceber, os três autores apresentam definições similares, no entanto, Coelho e Béjoint se aprofundam um pouco mais ao mencionar a ordenação dos verbetes. São, pois, elementos importantes do fazer lexicográfico, conforme aponta Welker (2004, p. 81): o arranjo das entradas, se temático ou alfabético, a presença ou não de ilustrações e das informações sintáticas.

O termo macroestrutura é utilizado por alguns autores como sinônimo de nomenclatura, mas coadunamos com o raciocínio de Béjoint (2000, p. 13) em destacar que, apesar de “alguns usarem macroestrutura como sinônimo de nomenclatura, [...] é preferível usar este último termo como equivalente

---

<sup>4</sup> O termo microparadigma, conforme apresenta Andrade (1998), refere-se a informações concernentes a uma entrada, variáveis em quantidade e qualidade, de acordo com o objetivo do instrumento lexicográfico, ou seja, o termo alude às múltiplas informações presentes no corpo de um verbete.

de *word-list*, ao passo que o primeiro pode ser empregado para se referir à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários”.

Após a definição e organização da macroestrutura, faz-se necessário estabelecer uma sequência para as informações a estarem presentes no corpo dos verbetes, as quais constituem a sua microestrutura. Também a esse respeito, notam-se diferentes definições para este termo. Baldinger (1960, p. 46) afirma que “a microestrutura corresponde à pergunta sobre as diversas acepções da palavra”. A definição de Rey-Debove (1971, p. 21) expõe que a microestrutura é “o conjunto das informações ordenadas de cada verbete após a entrada”, a qual se mostra mais ampla e será, por isso, a assumida nesta investigação.

Rey-Debove (1971) traz, na afirmação acima, a necessidade da organização padronizada dos enunciados lexicográficos. Entretanto, alguns verbetes podem apresentar variações em seus enunciados, estando algumas informações presentes em alguns verbetes e ausentes em outros. Esta organização inicial, em que são selecionados os elementos a estarem presentes em um verbete, é denominada por Rey-Debove (1971, *apud* WELKER, 2004, p. 108) de “microestrutura abstrata”, importante para os redatores dos verbetes, pois, sem essa microestrutura abstrata, as informações poderiam divergir entre um verbete e outro, sendo esse o objetivo deste texto.

Em contrapartida, a referida autora apresenta o termo “microestrutura concreta” referindo-se à “forma concreta em que as informações sobre o lema são dadas” (2004, p. 108), ou seja, microestrutura abstrata é o roteiro que estabelece um padrão comum para os verbetes, e a microestrutura concreta são os enunciados lexicográficos pré-definidos que foram preenchidos e estarão presentes no verbete.

Em nossa proposta, será criado um roteiro lexicográfico, concernente à microestrutura abstrata, com o objetivo de definir as informações lexicográficas a estarem presentes em um verbete e, posteriormente, esta estrutura será exemplificada através de um verbete, ou seja, em uma microestrutura concreta. Encontramos em Hausmann e Wiegand (1989, p. 341) os tipos de informação mais importantes sobre a microestrutura:

informação que identifique o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão); informação que identifique o lema na diacronia (etimologia); marcas de uso; informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas); informação sintagmática (construção, colocação, exemplos); informação paradigmática (sinônimo, antônimo etc.); vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas); observações (por exemplo sobre o uso do lema); ilustrações (desenhos, gráficos); elementos de ordenação (por exemplo, diversos símbolos); remissões; símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições) (HAUSMANN; WIEGAND, 1989, p. 341).

É importante destacar que a microestrutura deve ser elaborada levando em consideração o objetivo do instrumento a ser confeccionado. Dessa forma, Welker (2004, p. 109) aponta que “o lexicógrafo pode

a princípio elaborar qualquer tipo de microestrutura”, no entanto, é indispensável observar-se a sequência padrão dessa microestrutura em todos os verbetes.

Entre os elementos presentes na microestrutura, destacamos a entrada, sendo esta “cada uma das palavras explicadas por um dicionário”, como elucidada Biderman (1984, p. 138). Barbosa (1995, p. 4) diz que a entrada é a palavra basilar, constituindo os elementos à sua volta o enunciado lexicográfico e, juntos, entrada e enunciado lexicográfico constituem o verbete.

A cabeça do verbete é definida por Welker (2004, p. 110) como “o lema e as informações anteriores à definição ou às definições (ou equivalentes, nos dicionários bilíngues)”. Assim, variantes ortográficas, pronúncia, classe gramatical, informações flexionais e/ou sintáticas, etimologia, marcas de uso são elementos pertencentes à cabeça do verbete. Desse modo, essas informações são inseridas após a entrada e anteriormente à definição e/ou equivalente em dicionários bilíngues.

Em consonância ao nosso objetivo, no elemento cabeça do verbete, enfatizamos a classe gramatical dos lemas, considerando seu estatuto sintático e morfológico. No corpo do verbete, essas informações são encontradas de forma abreviada, por exemplo: verbo (v.) e adjetivo (adj.). É possível encontrar, em dicionários que utilizam este artifício, uma tabela incluindo informações para auxiliar o consulente na compreensão das diversas abreviações presentes no corpo do verbete.

A etimologia fornece ao consulente informações referentes à origem e à evolução histórica da palavra. No entanto, informações etimológicas são observações que interessam apenas a determinados grupos, não a consulentes comuns, aponta Welker (2004, p. 117).

Por sua vez, as marcas de uso são um dos microparadigmas mais controversos entre os lexicógrafos e também não se aplicarão em nosso roteiro. A esse respeito, Borba aponta que:

Num dicionário de usos uma informação importante relaciona-se com a variação tanto espacial, de uma região para outra, como social, no mesmo espaço, mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam dar este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários (BORBA, 2003, p. 305).

O rótulo é o termo empregado por Borba (2003) para se referir à rubrica ou às marcas de uso (HAUSMANN, 1977). Ele destina-se à delimitação das possíveis acepções encontradas para uma mesma entrada. O referido autor (1977, p. 112-143) organiza as possibilidades de marcas de uso da seguinte forma:

**Quadro 1** – Divisão das marcas de uso proposta por Hausmann (1977)

| Marcas de uso   | Definição ou exemplificação   |
|-----------------|---|
| Diacrônicas     | Por exemplo: antiquado, envelhecido, neologismo.                            |
| Diatópicas      | Acepções restritas a certas regiões do país.                                |
| Diaintegrativas | Para assimilar estrangeirismo.  |
| Diamediais      | Diferencia entre língua oral e escrita.                                     |
| Diastráticas    | Por exemplo: Chulo, familiar, coloquial, elevado.                           |
| Diafásicas      | Diferencia entre linguagem formal e informal.                               |
| Diatextuais     | Assinala sua restrição a um determinado gênero textual.                     |
| Diatécnicas     | Linguagem técnica ou tecnoleto.   |
| Diafrequentés   | Em geral: raro, muito raro.   |
| Diaevaluativas  | Revela atitude do falante, por exemplo: pejorativo, eufemismo.              |
| Dianormativas   | Indica que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pela norma padrão. |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base em Hausmann (1977, p. 112-143)

Assim como as marcas de usos, a definição é muito discutida no âmbito (meta)lexicográfico, como mostram os estudos de Casares (1992), Rey-Debove (1971), Werner (1982) e outros. A esse respeito, Xavier (2010, p. 170) assevera que “a definição relaciona-se, portanto, com a equivalência entre o lema e a sua explanação, sendo que esta pode constituir-se por apenas uma palavra ou por um conjunto de palavras”. Em dicionários bilíngues, a definição muitas vezes é substituída por um lexema equivalente, como aponta Welker (2004, p. 194): “O dicionário monolíngue geralmente oferece definições, ao passo que o bilíngue fornece sinônimos, mas na outra língua”.

O exemplo é definido no “Dicionário de Usos do Português” (BORBA, 2002, *apud* WELKER, 2004, p. 150) como “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários”. Já a abonação consiste em uma “frase ou enunciado, extraído de um bom autor da língua, onde ocorre a palavra que está sendo definida e/ou exemplificada no dicionário”, tal como esclarece Biderman (1984, p. 135). Como se vê, trata-se de elementos distintos, concernindo a abonação ao uso de frase ou enunciado encontrados em um texto autêntico, como livros, textos jornalísticos, científicos e outros, enquanto o exemplo é criado pelo lexicógrafo.

Sobre a ilustração, convém dizer que ela é comumente utilizada em dicionários de línguas de sinais, seja na Língua de Sinais Americana (ASL) (COSTELO, 2008), na Língua de Sinais de Moçambique (NGUNGA *et al*, 2013) ou na Libras, por Capovilla, Raphael e Mauricio (2013) e Brandão (2011). No entanto, é necessário fazer uma distinção entre a ilustração em dicionários de línguas orais e de línguas de sinais. Camargo (1998, p. 36) afirma que “os dicionários [...] atribuem à ilustração as funções de ornar ou elucidar o texto no qual – ou junto ao qual – ela aparece”.

Assim, a ilustração deve corresponder a uma representação razoavelmente fiel do significado do texto verbal, oferecendo ao consulente uma interpretação autêntica. Em nosso roteiro lexicográfico, a

ilustração será utilizada como auxílio na compreensão do verbete, posto que ela é comumente encontrada em dicionários já existentes da língua. Em nosso instrumento, utilizaremos tão somente a definição pela ELiS para representar o seu conceito na língua-alvo.

Em dicionários de línguas de sinais, a ilustração é também utilizada com outra finalidade, para representar o equivalente do léxico da língua oral nas línguas de sinais. Por serem línguas de modalidade visuo-espacial, é fundamental que se levem em consideração os parâmetros das línguas de sinais.

Como aponta Fernandes (2018), com a possibilidade de realizar a notação gráfica dos sinais/palavras, levando em consideração os elementos fonológicos que os constituem, a representação do léxico da Libras por meio de ilustrações torna-se opcional. Em nosso roteiro, a ilustração estará presente, mas unicamente como auxílio na compreensão da lexia, uma vez que a representação linguística da acepção do lema via sistema ELiS é suficiente para a elucidação do seu significante na Libras.

Apresentamos alguns dos elementos utilizados para a construção de um verbete, segundo Hausmann e Wiegand (1989)<sup>5</sup>, de forma a elencar aqueles que coadunam para a consolidação de nosso objetivo. Entre os elementos apresentados pelos referidos autores, destacamos a aplicação e a omissão em nossa microestrutura das seguintes informações disponibilizadas no quadro a seguir:

**Quadro 2** – Elementos que compõem a microestrutura de nosso roteiro, em consonância com Hausmann e Wiegand (1989)

| Elementos selecionados | Elementos suprimidos  |
|------------------------|-----------------------|
| Grafia                 | Pronúncia             |
| Classe gramatical      | Acentuação            |
| Definição              | Flexão                |
| --                     | Etimologia            |
| --                     | Marca de uso          |
| --                     | Exemplo               |
| --                     | Sinônimo              |
| --                     | Antônimo              |
| --                     | Ilustração            |
| --                     | Símbolos de ordenação |

**Fonte:** Adaptado pelos autores, a partir de Hausman e Wiegand (1989, p. 341 *apud* WELKER, 2004, p. 108)

Devido ao fato de a Libras ser de modalidade visuoespacial, não foram aproveitados em nosso roteiro elementos como: pronúncia, acentuação e flexão, pois eles não são intrínsecos à estrutura da Libras. Outros elementos como a etimologia, as marcas de uso, os sinônimos, os antônimos e a remissão

<sup>5</sup> Os elementos apresentados por Hausmann e Wiegand (1989, p. 341) para a estruturação do verbete são: “Informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão); Informação que identifica o lema na diacronia (etimologia); Marcas de uso; Informação explicativa (principalmente, a definição; às vezes, descrições enciclopédicas); Informação sintagmática (construção, colocações, exemplos); Informação paradigmática (sinônimos, antônimos, etc.); Vários tipos de informação semântica (por exemplo, sobre metáforas); Observações (por exemplo, sobre o uso do lema); Ilustrações (desenhos, gráficos); Elementos de ordenação (por exemplo, diversos símbolos); Remissões; Símbolos substitutivos (geralmente, o til, para evitar repetições)”.

não serão elencados por julgarmos que eles são secundários aos objetivos de nosso roteiro, ficando a cargo do lexicógrafo ou terminógrafo suas incorporações.

### 3. Metodologia

Para a criação de nosso roteiro lexicográfico ou terminográfico, foram realizadas pesquisas relacionadas à construção de dicionários, utilizando autores como Biderman (1981, 1984), Welker (2004), Faulstich (2010), entre outros. Posteriormente, realizamos um estudo acerca dos dicionários de Libras já publicados no Brasil, fazendo uma revisão da literatura voltada para o tema da pesquisa. Apesar de haver outras obras que podem ser consideradas como dicionários de Libras, foram selecionadas duas que se intitulam como tal, por serem estas as obras com maior número de verbetes, sendo elas o “Dicionário Ilustrado de Libras” (DIL), de Brandão (2011), e o “Novo DEIT-Libras: Língua Brasileira de Sinais” (DEIT), de Capovilla, Raphael e Mauricio (2013).

Essas duas obras foram analisadas em relação à sua macro e microestrutura e, com base nisso, constituímos o nosso roteiro basilar lexicográfico ou terminográfico, julgando, em nossa análise, a pertinência ou não de seus elementos ao propósito de constituição de um instrumento lexicográfico ou terminográfico em Libras e para os usuários dessa língua. Por fim, realizamos o cotejo dos elementos eleitos, já referidos anteriormente, a partir dos dois dicionários de Libras, com a proposta de roteiro apresentado por Faulstich (2010), por ser esse um instrumento eficaz e que apresenta elementos primários para a construção de uma obra dicionarística da língua portuguesa, quais sejam, entrada, categoria gramatical, gênero, variante(s), sinônimo(s), área de conhecimento ou domínio, definição, fonte da definição, contexto, fonte do contexto, remissivas, nota, equivalentes, autor(a), redator(a), data. Dessa forma, objetivamos percorrer por diversas obras – estudos metalexiconográficos e dois dicionários de Libras – selecionando elementos que de fato sejam relevantes para um roteiro próprio para a Libras, tendo em vista a necessidade de divulgar a sua modalidade escrita expressa no sistema ELiS.

Além disso, apresentamos aqui uma análise detalhada dos microparadigmas supramencionados, relacionando os que estão presentes ou ausentes no DIL e no DEIT, de acordo com o roteiro de Faulstich (2010) e consoante as necessidades dos consulentes de dicionário de línguas de sinais.

### 4. Resultados e discussões

Com os materiais a serem analisados selecionados, iniciamos as apreciações das obras, tentando, assim, escolher os microparadigmas a comporem nosso roteiro lexicográfico ou terminográfico. Em relação ao DIL, em seus textos externos, é possível entender sua macroestrutura, que é organizada de forma semasiológica e em ordem alfabética, levando em consideração a estrutura da língua portuguesa,

apresentando a entrada em caixa alta e em negrito, além de terem os verbetes uma mesma estrutura, demonstrada no quadro abaixo, na sequência em que aparecem na obra, respectivamente:

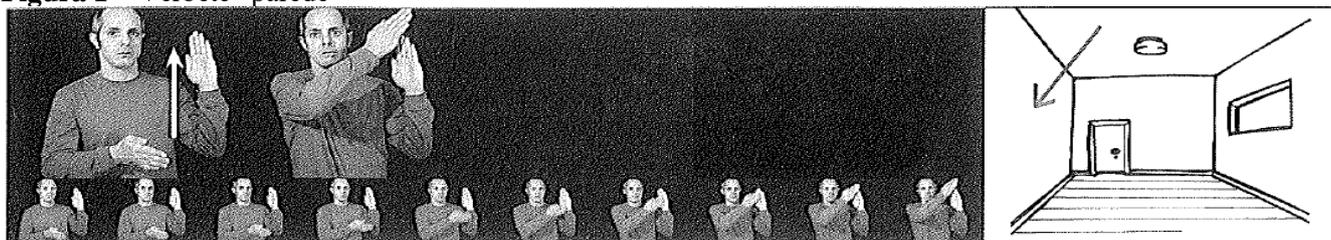
**Quadro 3** – Estrutura-base dos verbetes do DIL (BRANDÃO, 2011)

| Microparadigmas                  | Definição dos microparadigmas   |
|----------------------------------|---|
| Sinal                            | “É o gesto ou o movimento que representa uma ou mais palavras em português”.  |
| Setas                            | “Presentes em alguns sinais, indicando a direção, o sentido e a extensão do movimento da(s) mão(s)”.  |
| Sequência fotográfica            | “Mostra o percurso das mãos ao executar o sinal”.   |
| Asterisco                        | “Indica que a palavra entrada também aparece no rodapé, remetendo para outro sinal”.  |
| Entrada e descrição do movimento | “Palavra a consultar e explicações de como o sinal deve ser executado, incluindo a configuração e o posicionamento da(s) mão(s), direção, sentido, velocidade do movimento, quantidade de repetição, expressão fácil, etc”. |
| Ilustração                       | “Presente na maior parte dos verbetes, representa o significado do sinal”.  |
| Significado                      | “Explica o significado da palavra, suas possíveis variações e sinônimos”.   |
| Sinal igual                      | “Indica outras palavras que podem ser representadas com este mesmo sinal”.  |
| Palavra no rodapé                | “Cada palavra indica o verbebo que deve ser consultado (cuja entrada é sinônimo ou tem significado análogo), remetendo para o sinal a ser executado”.   |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base nas definições apresentadas por Brandão (2011, p. 10-11)

Para melhor elucidar os microparadigmas presentes nos verbetes presentes no DIL, apresentamos a imagem a seguir:

**Figura 1** – Verbebo “parede”



**PAREDE** — Mão esquerda aberta, dedos unidos e esticados apontando para cima, palma para dentro. Mão direita aberta, dedos unidos e esticados apontando para a frente. Posicionar as mãos conforme a foto 1. Em seguida, mover a mão direita para cima, resvalando levemente pelo braço esquerdo, do cotovelo até as pontas dos dedos.

• **Parede:** Construção que fecha ou divide um espaço. **Sinal igual:** PAREDÃO

**Fonte:** Brandão (2011, p. 509)

Na macroestrutura do DEIT, também destaca-se a ordem semasiológica dos verbetes, sendo eles representados pela soletração manual, como pontuam Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 50): “[...] cada entrada começa com a soletração manual do verbebo em português que corresponde ao sinal da entrada”. Ou seja, essa obra, assim como a primeira, leva em consideração elementos grafemáticos da língua portuguesa e não da Libras. Em relação aos elementos que compõem o verbebo, os supracitados autores apresentam em seus textos externos a seguinte estrutura:

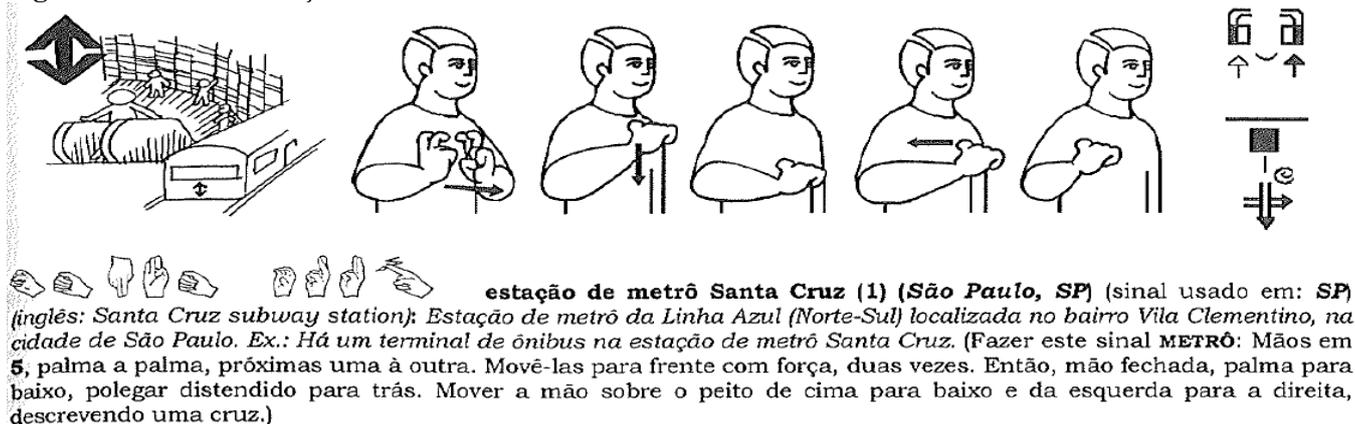
**Quadro 4** – Estrutura-base do verbete no DEIT

| Elemento                                    | Definição/explicação   |
|---|--|
| Ilustração precisa da forma do sinal        | “Tal ilustração permite uma melhor compreensão da sequência temporal das unidades sublexicais que compõem o sinal”.  |
| Ilustração do significado do sinal          | “Tais ilustrações de significação permitem à criança surda apreender diretamente o sentido do sinal sem depender do Português, e facilitam a memorização do sinal e dos verbetes em Português e Inglês, bem como o seu uso no dia a dia”.  |
| Escrita em <i>SignWriting</i>               | “A leitura dos sinais escritos em <i>SignWriting</i> sinaliza diretamente à mente do surdo, assim como a decodificação da escrita alfabética fala diretamente à mente do ouvinte”.   |
| Soletração digital do sinal                 | “A soletração digital auxilia a criança a penetrar na composição Grafêmica ou ScriptumIcular das palavras escritas, quebrando as palavras escritas em suas letras componentes, e vertendo as letras em formas de mãos individuais”.  |
| Verbetes em português e em Inglês           | “Tais verbetes correspondem ao sinal e permitem indexar alfabeticamente os sinais e traduzir de Libras para o Português e o Inglês”.   |
| Validade do sinal                           | “O escopo da validade do sinal em termos do(s) estado(s) brasileiro(s) em que esse sinal é, com certeza, empregado corretamente”.  |
| Classe gramatical dos verbetes em Português | “Tal classificação permite ao surdo compreender o comportamento das palavras do Português e aprender a usá-las adequadamente”.   |
| Definição                                   | “Tal definição permite ao surdo aumentar o seu conhecimento do mundo, bem como de Libras, do Português e do Inglês”.   |
| Exemplo                                     | “Tais exemplos permitem ao surdo usar corretamente as palavras do Português correspondentes aos sinais de Libras: e, ao ouvinte, usar corretamente os sinais de Libras correspondente às palavras”.  |
| Etimologia                                  | “Descrição etimológica a partir da análise de sua estrutura Morfêmica, ou seja, dos Morfêmica (Formículos) metafóricos moleculares que o compõem, e uma breve análise do parentesco semântico entre sinal e vários outros sinais que compartilham alguns dos mesmos Morfêmas ou Formículos moleculares”. |
| Iconicidade                                 | “De como o sinal materializa o significado defronte os olhos do observador. Tal descrição permite ao observador aprender esse significado de um modo fenomenologicamente imediato”.  |
| Descrição detalhada do sinal                | “A descrição detalhada e sistemática da forma do sinal. Juntamente com a ilustração, tal descrição permite ao leigo reproduzir fielmente cada sinal de Libras”.  |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base nas definições apresentadas por Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 47-48)

Para melhor elucidar os microparadigmas presentes nos verbetes presentes no DEIT, apresentamos a imagem a seguir:

Figura 2 – Verbetes “estação de metrô Santa Cruz”



Fonte: Capovilla, Raphael e Mauricio (2013, p. 1145)

Consoante ao apresentado anteriormente, podemos apontar algumas informações lexicográficas compartilhadas entre o DIL e o DEIT, conforme alude o quadro a seguir:

Quadro 5 – Informações lexicográficas semelhantes entre o DIL (2011) e o DEIT (2013)

| DIL                              | DEIT                                  |
|----------------------------------|---------------------------------------|
| Sinal                            | Ilustração do significado do sinal    |
| Entrada e Descrição do movimento | Descrição detalhada da forma do sinal |
| Ilustração                       | Ilustração da forma do sinal          |
| Significado                      | Definição                             |
| --                               | Verbetes em português                 |

Fonte: Elaborado pelos autores

Apesar dessas semelhanças, observa-se que a entrada no DIL é representada pelo lexema na língua portuguesa, ou seja, isso seria o equivalente e a ele está integrada a descrição do movimento, e no DEIT o verbete em língua portuguesa refere-se ao equivalente na Libras, no entanto, essa informação não está explícita. Diferentemente do DIL, no DEIT, a descrição do sinal constitui um microparadigma independente, com sua informação lexicográfica. Portanto, ambos os dicionários apresentam a descrição do sinal, que indica detalhadamente a sua forma de realização, bem como a ilustração como recurso auxiliar para a decodificação do verbete, além de salientarem a definição ou significado das unidades linguísticas.

É interessante observar que, entre as informações presentes no quadro acima, a descrição da entrada – nomeada por Brandão (2011) como entrada e descrição do movimento, e por Capovilla, Raphael e Mauricio (2013) como descrição detalhada da forma do sinal – não está presente no modelo de ficha lexicográfica apresentado por Hausmann e Wiegand (1989) e por Faulstich (2010). Esse microparadigma possui a finalidade de orientar o consulente na realização do sinal, pois demonstra minuciosamente a

organização dos parâmetros, antes e durante a sua realização, elemento este presente apenas em dicionários de línguas de sinais. Assim, esse elemento não será aproveitado em nosso glossário, por entendermos que a escrita em ELiS suprirá a descrição do sinal. Observa-se, ainda, que a quantidade de informações distintas entre as obras referidas é maior do que as semelhantes, conforme mostra quadro a seguir:

**Quadro 6** – Cotejo das informações lexicográficas no DIL (2011) e no DEIT (2013)

| DEIT                          | DIL                   |
|-------------------------------|-----------------------|
| Soletração manual do verbete  | Setas                 |
| Escrita em <i>SignWriting</i> | Sequência fotográfica |
| Verbetes em inglês            | Asterisco             |
| Classe gramatical             | Sinal igual           |
| Etimologia                    | Palavras no rodapé    |
| Iconicidade                   | --                    |

**Fonte:** Elaborado pelos autores

A respeito do quadro anterior, é crucial ponderar que os itens setas e asterisco, explícitos no DIL, não podem ser considerados como informações lexicográficas, uma vez que este é um recurso utilizado para auxiliar na ordenação do verbete, enquanto aquele é um recurso aplicado no microparadigma ilustração para indicar o movimento a ser realizado durante a produção do sinal. O DEIT aplica esse mesmo recurso – setas – em algumas ilustrações e não o designa como informação lexicográfica.

O DIL apresenta como entrada o lema em língua portuguesa, enquanto o DEIT utiliza a soletração manual em Libras, com base no alfabeto latino da língua portuguesa; no entanto, DEIT dispõe vários verbetes, em que é a ilustração e não a soletração manual que desempenha essa função. Além disso, consideramos o DIL como um dicionário bilíngue por fazer uso da língua portuguesa e da Libras, e o DEIT trilíngue, utilizando a língua portuguesa, a Libras e a língua inglesa, admitindo-se, contudo, como língua-alvo a Libras. Convém assinalar que apenas o DEIT aplica os elementos: escrita em *SignWriting*, etimologia, iconicidade, datilologia, sinal em inglês e classe gramatical. Dentre esses, destacamos a etimologia e a classe gramatical, presentes na proposta de Hausmann e Wiegand (1989) e no roteiro de Faulstich (2010), que, se levarmos em consideração o público alvo, tornam-se elementos extremamente relevantes.

Em seu artigo intitulado “Para gostar de ler dicionários”, Faulstich (2010) apresenta uma proposta de roteiro lexicográfico ou terminográfico<sup>6</sup> contendo os elementos que devem compor a sua microestrutura, ou seja, as distintas informações que estarão disponíveis aos consulentes. Em seu modelo,

<sup>6</sup> A proposta modelo de ficha lexicográfica ou terminográfica foi elaborada pelo Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm – da UNB, coordenado por Faulstich.

Faulstich (2010, p. 184) utiliza o símbolo gráfico asterisco para demarcar elementos opcionais, enquanto aqueles que não possuem este símbolo são itens obrigatórios, como pode ser observado a seguir:

**Quadro 7** – Componentes do roteiro lexicográfico ou terminográfico de Faulstich (2010)

| Elementos                        | Definição  |
|----------------------------------|--|
| Entrada                          | “Unidade linguística que possui o conteúdo semântico da expressão terminológica na linguagem de especialidade. É o termo propriamente dito, o termo principal”.  |
| Categoria gramatical             | “Indicativo da classe gramatical ou da estruturação sintático-semântico do termo. Pode ser s. = substantivo ou n. = nome; v = verbo; utc = unidade terminológica complexa”.  |
| Gênero                           | “Indicativo do gênero a que pertence o termo na língua descrita, com m = masculino ou f = feminino”.   |
| *Variante(s)                     | “Formas concorrentes com a entrada. As variantes correspondem a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente. Elas podem ser variantes terminológicas linguísticas e variantes terminológicas de registro”. |
| *Sinônimos(s)                    | “Formas concorrentes no discurso da linguagem de especialidade cujo significado é idêntico ao do termo da entrada”.  |
| *Área de conhecimento ou domínio | “Indicativo da área científica ou técnica em que o termo é usado; no caso Biotec = biotecnologia”.   |
| Definição                        | “A definição é um sistema de distinções recíprocas que servem para descrever conceitos pertinentes aos termos”.  |
| Fonte da definição               | “Registro do nome do autor, da obra, data etc. de onde foi compilada a definição. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor ou o adaptador das definições”.                    |
| *Contexto                        | “O contexto é um fragmento de texto no qual o termo principal aparece registrado, transcrito com o fim de demonstrar como é usado na língua de especialidade”.   |
| *Fonte do contexto               | “Registro do autor, obra, data etc. de onde foi extraída a frase contextual, também chamada de abonação. O campo deve ser preenchido mesmo que o autor do dicionário ou glossário seja o autor dos contextos”.             |
| Remissivas                       | “Sistema de complementaridade entre termos. Os termos remissivos se relacionam de maneiras diversas, dependendo da contiguidade de sentido. Podem ser: termos hiperônimos, termos hipônimos e termos conexos”.             |
| *Nota                            | “Comentário prático, linguístico ou enciclopédico, que serve para complementar as informações da definição”.   |
| *equivalentes                    | “Termos de línguas estrangeiras que possuem o mesmo referente”.  |
| Autor(a)                         | “Registro do nome do responsável intelectual pela elaboração da ficha de terminológica; o registro pode ser feito por meio de sigla e abreviação”.   |
| Redator(a)                       | “Registro do nome do responsável pelo preenchimento/digitação da ficha de terminologia; o registro pode ser feito por meio de sigla ou abreviação”.  |
| Data                             | “Registro do dia, mês ano em que ficha foi preenchida/digitada”.   |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base nas definições apresentadas por Faulstich (2010, p. 180-183)

Tendo em vista que a nossa proposta é definir as bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um roteiro lexicográfico ou terminográfico bilíngue Libras-ELiS/Português e Português/Libras-ELiS, descrevendo línguas de diferentes modalidades, uma oral-auditiva e outra visuo-espacial, é imprescindível buscar um modelo que possa funcionar da melhor forma possível para a

descrição dessas duas línguas. Dentre as informações apontadas por Faulstich (2010), destacamos alguns itens que estão presentes e outros ausentes nos dicionários de Libras cotejados em nossa pesquisa, como pode ser observado no quadro a seguir:

**Quadro 8** – Informações lexicográficas semelhantes no DEIT (2013) e no roteiro de Faulstich (2010)

| DEIT                             | Faulstich (2010)     |
|----------------------------------|----------------------|
| Entrada (datilologia)            | Entrada              |
| Equivalente (Português e Inglês) | Equivalente          |
| Classe gramatical                | Categoria gramatical |
| Definição                        | Definição            |
| Exemplo                          | Contexto             |
| Remissiva                        | Remissiva            |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base em Capovilla, Raphael e Mauricio (2013) e Faulstich (2010)

**Quadro 9** – Informações lexicográficas semelhantes no DIL (2013) e no roteiro de Faulstich (2010)

| DIL         | Faulstich (2010) |
|-------------|------------------|
| Entrada     | Entrada          |
| Equivalente | Equivalente      |
| Significado | Definição        |
| Sinal igual | Sinônimos        |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base em Brandão (2011) e Faulstich (2010)

**Quadro 10** – Informações lexicográficas distintas em Faulstich, no DEIT (2013) e no DIL (2011)

| Modelo de Faulstich (2010)      | DEIT                          | DIL                   |
|---------------------------------|-------------------------------|-----------------------|
| Gênero                          | Escrita em <i>SignWriting</i> | Sequência fotográfica |
| Área do conhecimento ou domínio | Soletização digital           | --                    |
| Fonte da definição              | Iconicidade                   | --                    |
| Fonte do contexto               | --                            | --                    |
| Nota                            | --                            | --                    |
| Autor(a)                        | --                            | --                    |
| Redator(a)                      | --                            | --                    |
| Data                            | --                            | --                    |

**Fonte:** Elaborado pelos autores, com base em Faulstich (2010), Capovilla, Raphael e Mauricio (2013) e Brandão (2011)

Conforme o esperado, encontramos semelhanças e diferenças entre os dicionários de línguas de sinais, consoante ao modelo de Faulstich (2010), uma vez que este dispõe da escrita como instrumento para a descrição da língua, enquanto aqueles utilizam ilustrações. Pode ser observado a semelhança de seis (6) microparadigmas no DEIT e quatro (4) no DIL consoantes ao roteiro de Faulstich (2010). No que concerne aos elementos distintos, observa-se oito (8) microparadigmas em Faulstich (2010) que estão ausentes tanto no DEIT quanto no DIL.

A partir da discussão teórica e do cotejo entre dicionários de línguas de sinais consoante o modelo de Faulstich (2010), apresentamos a seguir os elementos basilares que julgamos importantes para compor

um instrumento que objetive o registro e a descrição do léxico utilizando a Libras e a língua portuguesa, ambas representadas nas suas modalidades escritas.

**Quadro 11** – Elementos lexicográficos basilares para um glossário Libras-ELiS/Português e Português/Libras-ELiS

|  |
|--|
| Entrada: _____                             |
| Categoria morfológica <sup>7</sup> : _____ |
| Classe gramatical: _____                   |
| *Variante: _____                           |
| Definição: _____                           |
| Fonte da definição: _____                  |
| Exemplo: _____                             |
| Fonte do exemplo: _____                    |
| *Abonação: _____                           |
| *Fonte da abonação: _____                  |
| Equivalente: _____                         |
| Classe gramatical: _____                   |
| Definição: _____                           |
| Fonte da definição: _____                  |
| Exemplo: _____                             |
| Fonte do exemplo: _____                    |
| *Ilustração: _____                         |

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como pode ser observado no quadro acima, alguns elementos possuem o símbolo “\*”<sup>8</sup>, que indica a sua não obrigatoriedade, sendo esta uma decisão a ser tomada pelo próprio lexicógrafo ou terminógrafo. Dessa forma, estabelecemos um modelo de roteiro lexicográfico ou terminográfico que será apresentado em um exemplo que leve em consideração aspectos inerentes à Libras escrita e à língua portuguesa. A seguir, para melhor compreensão, apresentamos uma ficha lexicográfica preenchida<sup>9</sup>, isto é, nossa microestrutura abstrata:

**Quadro 12** – Ficha lexicográfica preenchida – sinal: Língua

|   |
|---|
| <b>Entrada:</b> 𐄂.𐄃𐄄𐄅                   |
| <b>Categoria morfológica:</b> ..𐄆.𐄇.𐄈.𐄉 |
| <b>Classe gramatical:</b> ..𐄊.𐄋.        |

<sup>7</sup> Conforme apresentado por Fernandes (2018), o termo categoria morfológica, neste trabalho, refere-se às possíveis estruturas composicionais não sei se podemos dizer que são morfológicas dos sinais da Libras, sendo elas: sinal monomanual, sinal bimanual simétrico, sinal bimanual quase simétrico, sinal bimanual assimétrico, sinal composto, sinal com mão de apoio, sinal sotrado e sinal sem as mãos.

<sup>8</sup> Elemento gráfico aproveitado do roteiro lexicográfico ou terminográfico apresentado por Faulstich (2010).

<sup>9</sup> Os dados utilizados para o preenchimento da ficha foram aproveitados da pesquisa piloto deste recorte, intitulada “Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras/ELiS-Português x Português-Libras/ELiS”, realizada no âmbito do programa de mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás, na qual, apresenta como produto final um glossário de Linguística em Libras-ELiS.



estudiosos intentam propor novas obras. Dessa forma, acreditamos no mérito de haver um instrumento que possa servir como auxílio na construção dos mesmos.

Em um primeiro momento, apresentamos uma análise comparativa entre dois dicionários de Libras, sendo eles o DIL e o DEIT, em consonância com referenciais teóricos da área da lexicografia das línguas orais e o roteiro apresentado por Faulstich (2010). A partir do cotejo entre as obras, percebemos microparadigmas que são inerentes às línguas de sinais, como: descrição detalhada do sinal, iconicidade, e outros, assim como há elementos exclusivos das línguas orais, por exemplo: pronúncia, acentuação, dentre outros, por serem estas de diferentes modalidades, esta oral-auditiva e aquela visuo-espacial.

No que se concerne à estrutura dos dicionários de Libras aqui analisados, podemos especificar a diferença significativa entre os microparadigmas presentes na microestrutura abstrata. Isso posto, percebe-se o quão são diferentes as estruturas presentes nos DEIT e no DIL. Enquanto o DEIT contém doze (12) microparadigmas, o DIL traz nove (9). Dentre estes, apontamos seis elementos que estão presentes apenas no DEIT, sendo eles: soletração manual do verbete, escrita em *signwriting*, verbete em inglês, classe gramatical, etimologia e iconicidade e cinco (5) microparadigmas unicamente no DIL, como: setas, sequência fotográfica, asterisco, sinal igual, palavras no rodapé.

Ainda sobre a natureza do trabalho que ora se apresenta, ressaltamos sua natureza inédita, uma vez que possibilita a utilização do sistema brasileiro de escrita para as línguas de sinais na representação do conceito na Libras, tornando desnecessário a utilização de fotos, imagens ou desenhos na apresentação do referente em Libras, sendo este um recurso que poderá ser utilizado unicamente como auxílio na decodificação da entrada pelos consulentes.

Destarte, a partir das análises, selecionamos os microparadigmas basilares a estarem presentes em uma obra que vise à organização e ao registro do léxico da Libras. É fundamental ressaltar que, na construção de um dicionário ou glossário, o lexicógrafo ou terminólogo possui total autonomia para selecionar elementos que comporão a estrutura de seus verbetes. No entanto, o presente instrumento objetiva ser um ponto de partida, que inicialmente poderá orientar a construção e a organização dessas obras, e, assim, deixar sob a responsabilidade dos pesquisadores a inclusão ou exclusão de outros microparadigmas, que leve em consideração o objetivo da obra e dos consulentes.

## Referências

- ANDRADE, Maria Margarida. Lexicologia, terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria P. P. de; ISQUERDO, Aparecida N. (Org.). As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. da UFMS, 1998. p. 89-98.
- BALDINGER, Kurt. Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch? Zeitschrift für Romanische Philologie, 1960, p. 251-536.

- BARBOSA, Maria Aparecida. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Ciências da Informação*. v. 24, n. 3, 1995, pp. 15-30.
- BÉJOINT, Henri. *Modern lexicography: an introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de Filologia e Linguística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981, pp. 130-145.
- \_\_\_\_\_. *A ciência da Lexicografia*. Alfa, São Paulo, v. 28. 1984, pp. 1-26.
- BORBA, Francisco da Silva. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003.
- BRANDÃO, Flavia. *Dicionário Ilustrado de Libras: língua brasileira de sinais*. São Paulo: Global, 2011.
- CAMARGO, Luís Hellmeister de. *Poesia infantil e ilustração: estudo sobre ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. 1998, 203 f. Dissertação (Mestrado em Estudos as Linguagem) Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1998.
- CAPOVILLA, Fernando Cesar; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina L. *Novo DEIT-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. v. 2. São Paulo: Edusp, 2013.
- CASARES, Julio. *Introducción a la lexicografía moderna*. Madrid: CSIC, 1992.
- COELHO, Braz José. *Linguagem – lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora LTDA, 2008.
- COROA, Maria Luiza. Para que serve um dicionário? In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Org.). *Dicionários escolares: políticas, formas e usos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- FAULSTICH, Enilde. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes; ROCHA, Maria de Fatima Sopas (Org.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas – homenagem a Socorro Aragão*. São Luís: EDUFMA, 2010.
- FERNANDES, Leandro Andrade; BARROS, Mariângela Estelita. Ordem visográfica: colocando os dicionários de línguas de sinais em ordem. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 12, n. 4, 2018, pp. 2440-2465.
- \_\_\_\_\_. Bases linguísticas e lexicográficas para a construção de um glossário bilíngue em Libras/ELiS-Português x Português-Libras/ELiS. 2018. 153 f. Dissertação (Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás – UFG: Catalão, 2018.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- HAUSMANN, Franz Josef. *Einführung in die Benutzung neufranzösischer Wörterbücher*. Tübingen: Niemeyer, 1977.
- \_\_\_\_\_.; WIEGAND, Herbert Ernest. Components parts and structures of general monolingual dictionaries: a survey. In: HAUSMANN, Franz Josef *et al* (Hrsg). *Lexicography, metalexicography and science*. 1989, pp. 328-360.
- NEVES, Maria Helena de Moura. A prática lexicográfica: onde a ciência e a arte se encontram. *Alfa*, São Paulo, v. 40, 1996, pp. 129-139.
- NGUNGA, Armindo *et al*. *Dicionário da língua de sinais de Moçambique*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM, 2013.
- REY-DEBOVE, Josette. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Paris: Hachette, 1971.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- XAVIER, Vanessa Regina Duarte. Aspectos definicionais em Bluteau, Moraes e Aurélio e em narrativas orais catalanas: convergências e divergências. *Linguagem: estudos e pesquisas*, Catalão, v. 14, n. 1, 2010, pp. 165-185.